

Descompassos na modernidade: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX.

José de Arimatéa Vitoriano de Oliveira*

Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? O questionamento de Italo Calvino dirige-se a Tecla,¹ mas bem que poderia ser feito acerca de Fortaleza, mais especificamente a cidade de Fortaleza que passa por frementes transformações e reformas urbanas que ocorreram entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX.² Nesse período, a capital cearense passa por um intenso processo de modernização, que se verifica na inserção de produtos modernos como a iluminação pública³, o telégrafo (1881), o serviço telefônico (1883), o primeiro automóvel (1909), a melhoria nos transportes⁴ e o abastecimento de água e o sistema de esgotos.⁵

A emergência da modernidade em Fortaleza está diretamente ligada ao crescimento da cidade e a um processo de remodelação sócio-urbano que se implementa, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX. Essa modernidade que vai se instalar em Fortaleza relaciona-se com a hegemonia econômica e político-administrativa que a cidade passa a desempenhar sobre todo o Estado do Ceará, hegemonia esta “iniciada na primeira metade do século XIX, mais precisamente em torno dos anos 20 e 30, [e que] completa-se na sua segunda metade”. (LEMENHE, 1991: 110).

* Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista FUNCAP.

¹ Tecla é uma das cidades descritas pelo famoso viajante veneziano Marco Polo ao imperador mongol Kublai Khan. Esta cidade é narrada como escondida atrás de tapumes e andaimes, imersa num prolongado processo de construção e transformação, cabendo a seguinte indagação do autor: “qual é o sentido de tanta construção?” E a tentativa de resposta vem na forma de outra pergunta: “qual o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade?” Cf. CALVINO, 2007, p. 117.

² O historiador Sebastião Rogério Ponte ressalta que “nas primeiras décadas do século XX, o conjunto de reformas se intensificou na capital”. Cf. PONTE, 2001, p. 15.

³ Entre 1866 e 1933 a cidade era iluminada á base de gás carbônico, através de combustores artísticos colocados nos passeios. Cf. CORDEIRO, 1996. p. 29.

⁴ Em 1880 foi instalado, pela Companhia Ferro Carril, o sistema de bondes de tração animal, que esteve em vigor até 1914. (...) Em 1913, a passagem do bonde puxado a burros para o sistema de bondes elétricos fez a cidade animar-se para acompanhar a primeira viagem do bonde elétrico. Cf. *Ibid.*, p. 31.

⁵ Até 1926, o abastecimento d’água era feito através de cacimbas escavadas nos quintais das casas e elevadas por moinhos de vento. (...) Em 1926 foi finalmente concluído o serviço de água, utilizando o Rio Acarape como reservatório. (...) Um moderno sistema de esgotos foi também implantado, juntamente com o de água, em 1926. Cf. *Ibid.*, p. 32.

A intensificação do crescimento de Fortaleza, cujo núcleo urbano teve seu tamanho “praticamente dobrado a partir da segunda metade da década de 1850” (BEZERRA, 2000: 40), é descrita dessa forma:

Oito extensas ruas mui direitas, espaçosas e calçadas. Conta 960 casas de tijolos alinhadas, e entre estas uns oitenta sobrados; e fóra do alinhamento para cima de 7.200 casas cobertas de palha; tem oito praças, sendo notáveis três que estão plantadas d’arvoredo, existindo nellas cacimbas publicas. (BRASIL apud BEZERRA, 2000: 41-42).

Na virada do século XIX para o século XX, a fisionomia e a estrutura da cidade já haviam mudado substancialmente: “Teria ela uma área de 6 Km², 61 ruas e 3 avenidas, 14 praças, 8 cafés, 3 restaurantes, 2 hotéis, 9 farmácias, 4 livrarias, 2 casas de jóias, além de 13 médicos, 16 advogados e 9 professores de piano”. (CORDEIRO, 1996: 22)

Já em pleno século XX, a aplicação da modernidade e de seus produtos prossegue celeremente. Tal fato ocorre simultaneamente ao crescimento urbano da cidade, cuja “população, que em 1890 era de aproximadamente 35.000 hab., passou para 50.000 na mudança do século e para cerca de 78.000 em 1920, chegando aos anos 30 com 100.000 habitantes” (CORDEIRO, 1996: 25). Os fatores que concorreram para esse aumento populacional, segundo a socióloga Celeste Cordeiro, foram o “crescimento comercial, novos serviços urbanos, surgimento da industrialização (têxteis, de cigarro, chapéus, cerveja, etc.), fim do trabalho escravo, secas” (CORDEIRO, Idem).

Mas retornando ao questionamento inicial proposto por Calvino, qual é o objeto de uma cidade em construção senão uma cidade? Deparamos-nos também com a necessidade de nos questionar acerca das intencionalidades de tal construção, visto que a cidade que se constrói, constituindo-se então como uma cidade específica, moderna, urbanizada e civilizada, segue preceitos e diretrizes estabelecidos⁶ por determinados sujeitos historicamente situados, aqueles que o geógrafo francês Marcel Roncayolo chama de “produtores do espaço”.⁷

Além disso, há de se questionar também, como nos propomos no presente artigo, sobre as intencionalidades e direcionamentos das práticas cotidianas de consumo⁸ urdidas nessa

⁶ Como demonstra a Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios, elaborada em 1875 pelo engenheiro Adolfo Herbster.

⁷ Partindo da cidade como representação ou conjunto de representações, Roncayolo identifica que há um sistema de obras, mais ou menos coerente, daqueles que “fazem a cidade”, a projetam, discutem e executam. Os portadores de tais idéias seriam identificados no interior das classes dominantes ou das elites dirigentes, com destaque especial para o que se chamaria os “profissionais da cidade”: arquitetos, urbanistas, engenheiros, médicos sanitaristas e os demais técnico-burocratas encarregados de implementar os equipamentos necessários à intervenção urbana”. Cf. RONCAYOLO Apud PESAVENTO, 1995, p. 279-290.

⁸ Marcel Roncayolo, que identifica os tais “produtores do espaço”, também se refere ao reverso destes, ou seja, os “consumidores do espaço”. Partindo do pressuposto que estes consumidores não adotavam uma atitude

mesma cidade que se construía. Lembremos que Fortaleza atravessava um pujante e vigoroso processo de modernização, e que esta mesma Fortaleza era habitada por indivíduos que, analogamente a essa modernização que modificava a cidade, também deveriam ser modificados, inseridos ambos, cidade e quem nela habitava, nesse mesmo processo modernizante. Mas a cidade que se construía moderna, seria habitada por indivíduos moldados à forma moderna?

Se a modernidade enseja mudança, os fortalezenses, inseridos num contexto moderno, tal qual vislumbramos Fortaleza entre o final do século XIX e início do século XX, deveriam ser todos movidos, ao mesmo tempo, na mesma direção e com a mesma intensidade por esse desejo de mudança, que nada mais seria que “um desejo de autotransformação e de transformação do mundo em redor” (BERMAN, 1998: 13).

Considerando, portanto, que a cidade se modernizava construída segundo determinações impostas pelos produtores do espaço, direcionamos nossa atenção não a estes, mas sim aos consumidores do espaço, diga-se que do mesmo espaço, pois se percebemos que o mundo ao redor destes se transformava (vide a inserção dos produtos da modernidade no cotidiano de Fortaleza), o mesmo não acontecia plenamente com eles próprios. Eles não se autotransformavam, a luz da modernidade, por completo.

Porém, se havia um descompasso entre a cidade que se modernizava e quem nela habitava, havia descompassos, no contexto da modernização por qual passava Fortaleza, entre os próprios habitantes, ressaltados nas condutas e anseios cotidianos diferenciados adotados por diferentes segmentos sociais:

As famílias moradoras na rua Coronel Guilherme Rocha, no quarteirão compreendendo as ruas Padre Mororó e Concórdia, pedem-nos chamemos a atenção da Polícia e da hygiene contra desocupados indecorosos que não os deixam em socego, pois, das ruínas das casas incendiadas ali, fazem centinas, que não se podem supportar. Além disso, palavões obscenos a cada instante estão repetindo, com ofensa ao decoro das famílias. (JORNAL O NORDESTE, 9 fev. 1923).

Além disso, a busca por ordenar e civilizar a cidade, estabelecida não só na configuração dos planos urbanísticos, também se estendia a hábitos e condutas praticadas

passiva diante da aplicação da modernidade e da construção da cidade que as elites queriam, podemos considerar que eles acabavam por criar representações da cidade que se intentava construir, transformando-a na cidade que viria a atender seus próprios desejos e necessidades, distinta daquela das elites, visto que os desejos e necessidades de produtores e consumidores do espaço (ressalte-se que do mesmo espaço), eram deveras diferentes. Cf. PESAVENTO, 1995, p. 279-290.

cotidianamente por indivíduos listados nas fileiras daqueles que, por não se enquadrarem nas regras de urbanidade e modernidade, deveriam ser ordenados, civilizados e vigiados:

A sociedade, para combater o exército do crime, precisa organizar um registro de todos os indivíduos que o compõem, de todos que se engajam diariamente nas suas fileiras e que uma primeira sentença condenatória designa como futuros reincidentes. E torna-se mister que a Polícia possa vigial-os, seguil-os, nos seus passos, reconhecê-los sob os disfarces que adoptam e restituir-lhes a verdadeira personalidade e o verdadeiro estado civil, não, obstante os seus pretextos. É necessário, assim, possuir um sistema de fichas, contendo os indivíduos que tenham negócios com a justiça.⁹

Ao analisarmos alguns discursos proferidos por cronistas e memorialistas, que tinham a cidade de Fortaleza como principal matéria-prima para seus escritos, podemos perceber este descompasso entre a autotransformação dos cidadãos em modernos e a transformação do mundo em redor, mundo este representado pela emergência de uma Fortaleza moderna.

Nesse caso, o ideal deveria ser de um desenvolvimento, tanto do indivíduo como da cidade, ambos, num mesmo contexto de modernização. Isso sim seria o ideal numa perspectiva de modernização, conforme relata-nos Marshall Berman, ao analisar a figura do *Fausto* de Goethe, considerado por ele um dos heróis de uma cultura moderna. Para Berman:

Uma das idéias mais originais e frutíferas do *Fausto* de Goethe diz respeito à afinidade entre o ideal cultural do *autodesenvolvimento* e o efetivo movimento social na direção do desenvolvimento *econômico*. Goethe acredita que essas duas formas de desenvolvimento devem caminhar juntas, devem fundir-se em uma só, antes que qualquer uma dessas modernas promessas arquetípicas venha a ser cumprida. (BERMAN, 1998: 41).

Dessas modernas promessas arquetípicas, configura-se a cidade de Fortaleza, com seus produtos modernos, presentes cada vez mais na cidade graças a um desenvolvimento econômico, tecnológico e modernizante, inserindo-se num contexto onde essas promessas passavam da mera condição de um vir a ser a uma visível concretização.¹⁰ Porém, alguns discursos nos dizem que talvez a cidade, mas não seus habitantes, estava inserida nessas mesmas modernas promessas: “de repente, o homem desavisado se apercebe do que lhe era,

⁹ Relatório apresentado ao presidente do Estado Sr. Dr. João Thomé de Saboya e Silva por José Eduardo Torres Câmara, Chefe de Polícia. Fortaleza, Chefatura de Polícia, 31 de maio de 1917.

¹⁰ Havia, porém, certas áreas da cidade onde a promessa de modernidade não passava mesmo de uma mera promessa. Estas áreas eram as “areias”, conforme relata-nos Eduardo Campos: “Tempo, o dos anos trinta. Fortaleza estava dividida em duas metades de gente: a que morava na área de calçamento... e a que vivia (vivia?) pelas “areias”, e essa designação de ocupação do solo a significar quem morava nas embrionárias favelas de hoje, gente modesta abrigada quase sempre em casebres”. Cf. CAMPOS, 1996, p. 53.

até então, insuspeitado. E vê que está deslocado, em meio à paisagem, aquela paisagem que foi a sua grande companheira de infância” (COLARES, 1980: 13)

Esta crônica de Otacílio Colares intitula-se “Fortaleza em desamor”. Mas onde estaria então este “desamor” que marcaria a cidade de Fortaleza? A resposta consta na mesma crônica: “É que, enquanto o homem cresce para envelhecer, as cidades crescem para remogar e – o que em parte dói – para mudar de fisionomia, de costumes, de modos de ser” (COLARES, Idem). Seria então este desamor que afetava Fortaleza, segundo o cronista Otacílio Colares, causado pelas transformações advindas com a modernidade?

A observação acima, sobre a cidade que cresce, se remoga, muda de fisionomia, costumes e modos de ser, é indicativa da presença da modernidade como fomentadora destas mudanças, visto ser a modernidade marcada pelo signo da ruptura. O contraste entre o homem e a cidade, contraste este provocado pelas mudanças ocasionadas pela modernidade, opõe o primeiro, que cresce, mas para envelhecer, da última, que ao crescer faz o oposto, remoga-se. O “desamor” em Fortaleza marcaria justamente este antagonismo, este descompasso entre a cidade e os que nela habitavam, representando assim a vivência “não natural” que se teria numa cidade moderna, onde a contradição e o paradoxo se fariam sempre presentes.

Se a cidade, ao contrário dos homens que envelhecem com o passar dos anos, remoga-se, graças à modernidade e ao progresso, percebemos que estes atingem e modificam a cidade de tal maneira, tornando-a menos “humana”, que tais mudanças restringem-se à cidade e não è extensivo a seus habitantes. Assim o demonstra o poeta Artur Eduardo Benevides: “mesmo que ficas menos humana nesse imenso progresso que te engana, ainda assim és linda” (BENEVIDES, 2000: 117).

Se o poeta, reconhecendo as mudanças por quais a cidade passou, absorva num imenso progresso que afinal não passa de algo enganador, ainda assim a reputa como linda, temos uma declaração que evidencia mais uma vez não só mais um descompasso entre a cidade que se modernizava e seus habitantes, mas um descompasso entre seus próprios habitantes, muitos dos quais “enganados” e deixados seduzir pelo progresso. Assim, ao tratar da cidade que se mantém linda, apesar do progresso, as palavras do poeta soam como uma “declaração de que os velhos não pretendem adaptar-se ao desejo de mudança de seus filhos” (BERMAN, 1998: 59). Desta forma, nem todos, como Artur Eduardo Benevides, viam o progresso como algo enganador, mas o viam, e de forma mais ampla a própria modernidade, como algo deveras salutar para o desenvolvimento de Fortaleza.

Antônio Martins Filho, escrevendo no prefácio do livro de Daniel Carneiro Job sobre a Praça do Ferreira, refere-se a uma cidade onde descoberta, aventura, movimento e até mesmo

excitação soam muito mais presentes que a sensação de enganação perpassada anteriormente por Artur Eduardo Benevides:

Conheci a Praça do Ferreira nos idos de 1918. (...) Esta, aliás, a primeira aventura de um garoto de quatorze anos, ávido em conhecer a cidade grande, ruas largas e movimentadas que conduziam a praças cheias de árvores, sobrados e edifícios de muitos pavimentos, de onde a gente chegava a ver o mar. (JOB, 1992: 5).

E ainda há aqueles que nos relatam uma co-existência entre uma cidade moderna, desenvolvida e civilizada com uma outra cidade, ainda tradicional e provinciana:

Cidade algo moderna, algo provinciana, algo civilizada e algo mal educada. Em resumo, porém: cidade formosa, hospitaleira e gostosa. Movimento nas ruas, arranha-céus, casinhas pequeninas, onde nosso amor nasceu. Automóveis de luxo. Caminhões e aviões. Jumento carregando água. Pregões. Ônibus repletos, businando. Guardas apitando, reclamando e multando. (MIRANDA; GIRÃO, 1954: 65-66).

A cidade acima descrita presencia a coexistência de práticas urbanas totalmente distintas, quiçá antagônicas, onde a modernidade, que se faz representar por produtos ligados à tecnologia, como aviões, caminhões e automóveis, convivem no mesmo espaço com aspectos que se relacionam diretamente ao provincianismo, bem caracterizados com a imagem do jumento que carrega água em plena cidade (um meio de transporte nada ligado à tecnologia ou à cidade, mas sim ao interior). A cidade de Fortaleza, que é tida como “formosa, hospitaleira e gostosa”, características estas que independem da modernidade, surge paradoxal e contraditória no relato do autor, pois ela é ao mesmo tempo, moderna e provinciana, civilizada e mal-educada.

O memorialista Caio Porfírio Carneiro, natural da cidade de Fortaleza, ao nos relatar suas reminiscências da infância, conduz-nos a uma cidade em que a pacatez ainda não havia sido substituída pela efervescência característica da vida numa metrópole: “nasci numa boa casa, propriedade do meu pai, na Rua 24 de Maio, lado da sombra, entre as ruas Clarindo de Queirós e Meton de Alencar, às 11 horas da manhã, na Fortaleza pacata de 1928” (CARNEIRO, 1998: 15). Para Caio Porfírio, portanto, Fortaleza era muito menos que uma metrópole ou mesmo uma cidade grande. A Fortaleza de sua infância era simplesmente uma cidade pacata.

Como a efervescência vindoura, característica das metrópoles, não havia ainda suplantado (tudo seria, então, uma questão de tempo) a cidade pacata da infância de Caio Porfírio Carneiro, este parece ter vivido uma meninice sem descompassos. Ou melhor, sem os

descompassos construídos pela modernidade. Portanto, ambos neste período, cidade e indivíduos, nesta visão do memorialista, eram simplesmente pacatos.

A percepção de uma ligação com o meio rural, de um provincianismo, que não diferenciava claramente práticas ditas urbanas das rurais, pode ser observada em relatos como o de José Barros Maia, nascido em Fortaleza no ano de 1901, que ao lembrar seu tempo de infância observa que “tinha a venda de leite na rua, conduzida por seis ou oito vacas tangidas pelo leiteiro que vendia leite mugido na porta” (SOUZA; PONTE, 1996: 175).

Já na década de 1940 encontramos relatos interessantes sobre a persistência de hábitos rurais na cidade, como o de Ione Arruda Gomes: “tínhamos criação de aves: pássaros, galinhas, patos, capotes e no fim do quintal que dava aceso à outra rua, a José Vilar, tínhamos uma vaca mestiça e uma bela novilha” (GOMES, 1991: 20). Ressalte-se que este sítio estava localizado no coração do bairro da Aldeota.

Além disso, por mais que se vivesse na cidade, a ligação com o interior (ou sobre outro ponto de vista, a negação da urbanidade e a resistência à modernidade) era mantida e no período das férias escolares a ida (ou volta) ao interior, ao sertão, era um momento aguardado por muitos. Milton Dias observa que “depois da leitura de notas, vinha a etapa, seguinte, a espera do caminhão que nos conduziria à doce paz do interior” (DIAS, 1998: 73) Além da paz representada pelo interior, havia o reencontro com várias coisas que foram deixadas de lado para se viver na cidade grande:

Chegando ao ponto de desembarque, Massapé, Ceará, Brasil, o prazer do reencontro com a família, os amigos, a namoradinha para a temporada, as festas, as danças, as fogueiras, os fogos, a compadragem, o aluá, o pé-de-moleque, oh meu Deus, nem é bom falar de todas estas coisas que perdemos. (DIAS, 1998: 75).

No que tange a ligação dos fortalezenses com o interior do Estado e seu retorno na época das férias escolares, Eduardo Campos observa que:

Os da cidade, assumidos da condição de urbanos, estavam sempre retornando, ainda que circunstancialmente, às suas origens campestres. Desse modo sucedido em determinados períodos (como no mês de junho, por então consagrado às férias escolares), quando os da cidade, em crise de nostalgia, pareciam viajar, em massa, em direção ao seu inesquecível mundo sertanejo. (CAMPOS, 2002: 105).

Em suma, se o homem não deve existir em função da modernidade, do progresso e do desenvolvimento, mas sim estes existirem em função do homem, a cidade moderna deve existir em função de quem nela mora, não o contrário. Nesse contexto, o desejo de mudança,

inerente à modernidade, explicita-nos um descompasso entre a autotransformação do fortalezense e a transformação do mundo em seu redor.

Antes do irresistível afã da modernidade que solapou os fortalezenses, sobretudo aqueles tidos como os “produtores do espaço”, tínhamos uma vivência que sob a ótica moderna seria considerada provinciana e atrasada. Mas este atraso em relação a modernidade, contudo, podia ser considerado não um atraso em relação ao indivíduo:

De tudo e de todos nos lembramos, e até folgamos, desvanecidos e saudosos, de contal-o e recontal-o aos pequerruchos, que ouvem boqui-abertos, como exemplo, estímulo ou lição que devem tomar...

Tambem era ainda muito pequena e atrasada esta Capital. Ainda não tinha Passeio Publico, praças arborizadas, templos magestosos, edificios elegantes, tantas e tão grandes ruas alinhadas, calçamento, iluminação á gaz, linhas de bondes, carros de aluguel, hoteis, kiosques, clubs, prado, corridas de touros, a cavallo e á bicycletta, kermesses, bazar, e mais novidades, umas uteis, outras inuteis, e muitas prejudiciaes á saúde, á algibeira e mesmo aos costumes; porque a civilização assim como traz em seu largo bojo muitos beneficios, tambem traz muita mascara de hypocrita; e a hypocrisia é com certeza perigosissima, pois de todos os vicios é o que mais se confunde com a virtude, e que por isso mesmo mais illude os incautos e bem intencionados. De tal forma que a Fortaleza de então, quanto mais moça, assemelhava-se mais a um veneravel frade traptista. (NOGUEIRA, 1900: 142-145).

Eis, para o autor, a lição que os jovens deveriam tomar, lição esta trazida pela lembrança da cidade de antanho, pois Fortaleza, enquanto moça, antes da fremente emergência da modernidade, assemelhava-se mais a um frade trapista que a alguma outra forma degenerada de cidade moderna.¹¹

Conforme Artur Eduardo Benevides, num poema intitulado “em louvor de Fortaleza”:
“já não te sinto como antigamente: ou envelheci, ou de repente perdeste, em moderníssima grandeza, o casto ar gentil de tua beleza”. (BENEVIDES, 2000: 118).

O descompasso aí está presente. Se o homem não consegue sentir mais sua devotada cidade como antigamente, há duas explicações para isso. A primeira decorre de um processo biológico natural: o envelhecimento. A segunda provem de um fenômeno desencadeado pela modernidade: a outrora casta cidade, bela e com ar gentil, perdeu tais características, devido a uma grandeza, não possível de ser acompanhada pelo homem, devido ser esta uma grandeza moderna, ou melhor, mais que isso, ser uma grandeza moderníssima.

¹¹ Sandra Pesavento, no que tange ao imaginário da cidade, considera o antagonismo que se cria, na conjuntura da modernização, entre as imagens arquetípicas da cidade pesadelo e da cidade ideal: “assim é que, de uma parte, teríamos a cidade pesadelo, referente à tipologia Babilônia, Sodoma e Gomorra, e, de outra, o sonho da constituição de uma cidade ideal, síntese das virtudes representada ora por Jerusalém, Atenas ou Roma”. Cf. PESAVENTO, 2002, P. 49.

Então retornamos ao início: qual o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Bem que poderíamos reformular tal questionamento: qual o objetivo de uma moderna cidade em construção senão uma cidade moderna? A resposta não é tão óbvia como se queira perceber, pois nem todos que habitavam na moderna Fortaleza que se construía entre o final do século XIX e início do século XX, consideravam-se modernos ou até mesmo habitando numa cidade tão moderna assim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENEVIDES, Artur Eduardo. *Poemas de amor a Fortaleza*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2000.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BEZERRA, José Tanísio Vieira. *Quando a ambição vira projeto: Fortaleza, entre o progresso e o caos (1846 / 1879)*. Dissertação de Mestrado em História. PUC: São Paulo, 2000.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, Eduardo. *O Inventário do Cotidiano: Breve Memória da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.

CAMPOS, Eduardo. Culinária Cearense. In: CHAVES, Gilmar (Org.). *Ceará de Corpo e Alma: um olhar contemporâneo de 53 autores sobre a Terra da Luz*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Fortaleza: Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), 2002.

CARNEIRO, Caio Porfírio. *Contagem Progressiva: reminiscências da infância*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1998.

COLARES, Otacílio. “Fortaleza em Desamor”. In: *Fortaleza 1910*. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal do Ceará, 1980.

CORDEIRO, Celeste. *Brinquedos da memória: a infância em Fortaleza no início do século XX*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

DIAS, Milton. *Relembrações*. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

GOMES, Ione Arruda. *Imagens indeléveis: primeiros contatos com o bairro Aldeota*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

JOB, Daniel Carneiro. **Praça do Ferreira: o inédito, o sério e o pitoresco**. 2. ed. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992.

Jornal O Nordeste. Fortaleza, 9 de fevereiro de 1923.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *As Razões de uma cidade: conflito de hegemonias*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

MIRANDA, Ubatuba de; GIRÃO, Raimundo. *Retrato de Fortaleza*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1954.

NOGUEIRA, Paulino. Um epitaphio na calçada. In: Almanaque do Ceará. Fortaleza, 1900.

PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 279-290.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

Relatório apresentado ao presidente do Estado Sr. Dr. João Thomé de Saboya e Silva por José Eduardo Torres Câmara, Chefe de Polícia. Fortaleza, Chefatura de Polícia, 31 de maio de 1917.

SOUZA, Simone de; PONTE, Sebastião Rogério (org.). *Roteiro Sentimental de Fortaleza: Depoimentos de História Oral de Moreira Campos, Antônio Girão Barroso e José Barros Maia*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996.